

**O ENSINO DE ANTROPOLOGIA NO INTERIOR DO NORDESTE BRASILEIRO**

***The teaching of Anthropology in the interior of the Brazilian Northeast***

***La enseñanza de la Antropología en el interior des Nordeste brasileño***

Jonas Henrique de Oliveira

Doutor em Antropologia, Professor na Universidade Estadual do Piauí

E-mail: [jonashenrique@phb.uespi.br](mailto:jonashenrique@phb.uespi.br)

**Áltera**, João Pessoa, Número 17, 2024, e01708, p. 1-17.

ISSN 2447-9837



**RESUMO:**

Este trabalho tem o objetivo de analisar a relação entre a Antropologia e a Educação a partir da comparação entre dois cursos de licenciatura (Ciências Sociais e Pedagogia) na Universidade Estadual do Piauí (UESPI). É importante salientar que, até bem pouco tempo, a universidade não contava com profissionais formados em Antropologia. Assim, temos a intenção de compreender os desafios de lecionar essa disciplina em uma universidade no interior do Nordeste brasileiro que possui poucos profissionais com formação na área. No entanto, ao mesmo tempo que aumenta a demanda por esse tipo de profissional, os cursos de licenciatura sofrem com uma crise sem precedentes para atrair jovens estudantes para a carreira docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropologia. Educação. Ensino. Licenciatura.

**ABSTRACT:**

This work aims to analyze the relationship between Anthropology and Education based on a comparison between two undergraduate courses (Social Sciences and Pedagogy) at the State University of Piauí (UESPI). It is important to highlight that until recently, the university did not have professionals trained in Anthropology. Thus, we intend to understand the challenges of teaching Anthropology at a university in the interior of northeastern Brazil that has few professionals with training in the area. Therefore, at the same time as the demand for this type of professional increases, undergraduate courses are suffering from an unprecedented crisis in attracting young students to a teaching career.

**KEYWORDS:** Anthropology. Education. Teaching. Degree.

**RESUMEN:**

Este trabajo tiene como objetivo analizar la relación entre Antropología y Educación a partir de una comparación entre dos carreras de pregrado (Ciencias Sociales y Pedagogía) de la Universidad Estadual de Piauí (UESPI). Es importante resaltar que hasta hace poco la universidad no contaba con profesionales capacitados en Antropología. Así, pretendemos comprender los desafíos de la enseñanza de Antropología en una universidad del interior del nordeste de Brasil que cuenta con pocos profesionales con formación en el área. Por tanto, al mismo tiempo que aumenta la demanda de este tipo de profesionales, las carreras de pregrado sufren una crisis sin precedentes en la atracción de jóvenes estudiantes hacia la carrera docente.

**PALABRAS CLAVE:** Antropología. Educación. Enseñanza. Licenciatura.



## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a relação entre a Antropologia e a Educação a partir da comparação entre dois cursos de licenciatura (Ciências Sociais e Pedagogia) na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), localizada na cidade de Parnaíba, no interior do estado. Nossa intenção é analisar os desafios de lecionar Antropologia em uma instituição do interior do estado que tem poucos professores formados na área, ao mesmo tempo que tem aumentado a demanda por essa disciplina, principalmente nos cursos de licenciatura.

Este artigo teve como base uma pesquisa realizada com os/as discentes do curso de Licenciatura em Ciências Sociais no ano de 2022, na qual traçamos o perfil dos estudantes do curso. Além disso, apresento um relato de experiência com base em minhas aulas ministradas nos cursos de Pedagogia e de Ciências Sociais por mais de dez anos.

O debate da Antropologia está presente há apenas algumas décadas nos cursos de Pedagogia – data dos anos de 1980. Podemos contar vias de solidificar-se, por meio do debate entre Antropologia e Educação (Vieira; Badia, 2015, p. 250). Entretanto, esse processo vem ocorrendo de forma lenta e gradual. Por se tratar de uma disciplina que procura compreender as diferentes culturas e suas especificidades, o diálogo entre Antropologia e Educação se tornou, com o passar do tempo, bastante promissor.

É preciso enfatizar que, apesar dos avanços nos últimos anos, a Antropologia da Educação permanece uma área muito restrita no âmbito das discussões da Antropologia produzida no Brasil. Ao que tudo indica, os antropólogos não vêm se dedicando profundamente à educação (Gusmão, 2016), e ainda são poucos os trabalhos que se dedicam a compreender a educação como fenômeno social, sobretudo a partir daquilo que é pensado e produzido nas escolas.

Os cursos de licenciatura buscam formar profissionais que vão atuar no ensino infantil, fundamental e médio. Em relação ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais, que forma profissionais que vão lecionar no ensino médio, a Antropologia é desafiada a compreender o cotidiano escolar e promover intercâmbio de saberes. Desse modo, os licenciandos precisam trabalhar os conceitos antropológicos para que estes façam sentido para a realidade dos estudantes do ensino médio. Nem sempre esse intercâmbio é fácil, já que o espaço destinado aos conteúdos relacionados à Antropologia no ensino médio é extremamente limitado.

Nos livros didáticos disponíveis nas escolas, os conteúdos antropológicos ocupam poucas páginas, e a maior parte dos assuntos é relacionada às discussões clássi-



cas realizadas pela Sociologia. Quando perguntamos aos alunos dos períodos iniciais o que estes conhecem de Antropologia, o silêncio é um indicador da pouca visibilidade da Antropologia no ensino médio.

De certo modo, é possível afirmar que, ao menos nos livros didáticos, a Antropologia permanece como uma subárea da Sociologia. Além disso, os cursos de licenciatura dialogam pouco com as escolas nos anos iniciais, e isso é especialmente verdade em relação ao curso de Ciências Sociais. Essa situação se inverte apenas quando os estudantes são obrigados a cursar as disciplinas de estágio, mas isso somente ocorre a partir do final do terceiro ano de curso.

Se não bastassem os desafios enfrentados no ensino de Antropologia nos cursos de graduação, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>1</sup> no ensino médio aumentou as incertezas quanto ao futuro dos profissionais formados em licenciatura, sobretudo porque os conteúdos das ciências humanas e suas tecnologias são partilhados por diferentes áreas do conhecimento (História, Sociologia, Filosofia e Geografia). A implementação da BNCC pode resultar ainda em uma dificuldade, por parte dos estudantes, de saberem as especificidades e fronteiras de cada área, assim como pode ampliar a dificuldade dos professores em trabalhar conteúdos para os quais não tiveram formação específica.

Esses elementos e desafios trazem incertezas também no contexto universitário, pois, como já é bem comum, profissionais formados em outras áreas de conhecimento constantemente lecionam os conteúdos de Sociologia e Antropologia, o que, via de regra, diminui as oportunidades para profissionais recém-formados. Ainda é comum encontrarmos em muitas escolas no Brasil professores lecionando conteúdos de Sociologia e Antropologia no ensino médio apenas para completar encargos.

As questões levantadas apontam para um conjunto de desafios a serem enfrentados para que as escolas brasileiras possam se beneficiar do conhecimento produzido pela Antropologia. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário compreender como vem ocorrendo a formação dos discentes e como os licenciandos estão absorvendo os conteúdos trabalhados nas disciplinas de Antropologia.

---

<sup>1</sup> De acordo com o documento oficial divulgado em 2018, “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (Brasil, 2018, p. 7). Entretanto, essas mudanças trouxeram alterações profundas no ensino, pois, como foi dito, a área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas é integrada por Filosofia, Geografia, História e Sociologia. É preciso salientar que não há uma distinção profunda entre os temas a serem lecionados, e caberá ao professor e à professora trabalharem assuntos para os quais não tiveram formação específica. Assim, os conteúdos de Antropologia ficam diluídos na área citada anteriormente.



## O PERFIL DOS LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS E PEDAGOGIA NA UESPI: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

De início, é importante salientar que muitos estudantes ingressam no curso de licenciatura em Ciências Sociais sem muita informação sobre a profissão de cientista social no Brasil; e tampouco desejam ser docentes. No Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), é comum que o curso esteja como segunda opção, e que a entrada seja justificada por “foi o que deu para passar”. Talvez por isso alguns migrem para outra área tão logo os editais de transferência interna sejam publicados pela universidade. Há aqueles que simplesmente desistem da carreira por não se identificarem ou por terem que trabalhar e não conseguirem conciliar estudo e trabalho; e há ainda aqueles que desistem porque não têm condições financeiras para dar continuidade ao curso.

A situação é completamente diferente na Licenciatura em Pedagogia, pois, além de esta ser muito conhecida, a evasão nesse curso é relativamente baixa, se comparada ao curso de Ciências Sociais. Contudo, isso não significa que esses alunos tenham completa certeza em relação à carreira no magistério.

A escolha da carreira docente tem sido um grande desafio no Brasil. Muitas pesquisas enfatizam o desinteresse dos jovens que estão no ensino médio pela carreira docente; e que o perfil dos que ingressam nos cursos de licenciatura revela que estes vêm de classes sociais desfavorecidas e estudaram a maior parte da vida em escolas públicas, tendo acumulado um conjunto de dificuldades que ficam mais explícitas quando ingressam nos cursos de licenciatura (Tartuce; Nunes; Almeida, 2010; Ludke; Boing, 2004; Fundação Carlos Chagas, 2009).

A escolha do curso de Pedagogia pode ser motivada pelos familiares que trabalham na área da Educação. Não raro, muitos licenciandos informaram que um parente foi fundamental na escolha do curso. Por outro lado, há um conjunto de alunos que desistiram de outros cursos para cursar Pedagogia, ou ainda aqueles que concluíram outro curso e, em seguida, começaram o de Pedagogia. Há também alunos que chegaram na universidade mais tarde porque adiaram esse projeto devido à família, ao trabalho, etc. Nesse último grupo, as oportunidades no mercado de trabalho foram elencadas como um dos fatores que contribuíram para a escolha do curso.

A situação é um pouco diferente no curso de licenciatura em Ciências Sociais. O curso teve início na UESPI apenas em 2014. No estado do Piauí, existem três cursos de Ciências Sociais, sendo dois na UESPI e um na UFPI. Assim, é razoável afirmar que o número de profissionais formados em Ciências Sociais é reduzido. Aliado a isso, apenas em 2006 a Sociologia se tornou disciplina obrigatória no ensino médio. Desse



modo, muitos alunos entram no curso motivados pela rede de sociabilidade, pela experiência que tiveram com professores de Sociologia no ensino médio ou ainda porque já são formados e veem no curso de Ciências Sociais a possibilidade de ampliar o conhecimento.

Após trabalhar por mais de dez anos nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Licenciatura em Ciências Sociais, posso afirmar, a partir do contato direto com os licenciandos, que os dois cursos apresentam perfis semelhantes em relação à renda. Normalmente são estudantes dos estratos mais baixos da estrutura social brasileira. Esses alunos acumularam deficiências no processo de formação ao longo do ensino fundamental e médio, e a grande maioria não tinha o hábito de leitura de livros antes de entrar na universidade. A maior parte dos estudantes é oriunda das escolas públicas.

Em relação à trajetória dos pais, a grande maioria não concluiu o ensino médio. Nesse sentido, é bastante comum que os licenciandos sejam os primeiros da família a ingressar em um curso superior e tenham possibilidades reais de concluí-lo. Entretanto, o investimento financeiro é relativamente alto, já que muitos são obrigados a mudar de cidade para estudar ou conciliar trabalho e estudo. Para estes, os programas de auxílio estudantil são fundamentais para a conclusão do curso.

No início do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, encontramos uma proporção equivalente de homens e mulheres. Entretanto, conforme os semestres vão passando, a evasão é maior entre os homens do que entre as mulheres; ao final do curso, as turmas são compostas predominantemente por elas. Quanto ao corpo docente de Ciências Sociais, existem apenas sete professores efetivos, sendo quatro homens e três mulheres, e duas professoras com contratos temporários. Já no curso de Pedagogia, há um predomínio maior de mulheres tanto entre as/os discentes quanto entre as/os docentes.

No curso de Pedagogia, a demanda é maior do que a oferta, e a evasão é menor do que em outros cursos da UESPI de Parnaíba. Não sabemos exatamente por que a evasão nesse curso é menor, mas acreditamos que essa explicação pode ser encontrada no mercado de trabalho, pois, em conversas informais, muitas discentes afirmam que, embora os salários não sejam atrativos, sempre há emprego na área de Pedagogia, o que significa que não ficarão desempregadas após a conclusão do curso.

Os poucos homens que cursam Pedagogia afirmam se sentirem discriminados quando vão fazer estágio docente, pois quando procuram estagiar na educação infantil, em geral, são malvistas. Eles afirmam que os pais não se sentem confortáveis quando descobrem que o estagiário é homem, e isso se torna um empecilho para que



os discentes possam atuar naquela etapa da educação básica. Estes acreditam que uma forma de “driblar” a resistência dos pais é mostrar profissionalismo – o que, via de regra, pode contribuir para diminuir, mas nunca cessar, a desconfiança.

Não há uma variação significativa em relação a cor e raça na comparação entre os cursos de Ciências Sociais e Pedagogia. A maior parte dos alunos pode ser classificada como brancos, e o número de pretos e pardos é pequeno nos dois cursos. Uma explicação para essa diferença pode estar associada ao racismo estrutural que, de acordo com Almeida (2019), é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade, sendo uma manifestação normal de uma sociedade, ao invés de ser um fenômeno patológico ou que expresse alguma anormalidade. O racismo fornece sentido à lógica e à tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (Almeida, 2019).

## **ANTROPOLOGIA, EDUCAÇÃO E O MÉTODO ETNOGRÁFICO**

A Antropologia vem se consolidando com uma área que contribui para a formação de profissionais dentro e fora das Ciências Sociais. Diferentes áreas do conhecimento, com o passar dos anos, estabeleceram um diálogo mais intenso com a Antropologia ou se apropriaram de métodos de pesquisa comuns ao trabalho do antropólogo, tal como a etnografia. Gusmão, analisando a relação entre Antropologia e Educação, afirma:

A base desses processos está dada pela interação entre coisas diversas, vale dizer que não são iguais ou de mesma natureza. É disso que se trata quando pensamos em relações possíveis entre dois campos de conhecimento: a Antropologia e a Educação. Campos que diferem em seus princípios e também em seus pressupostos centrais, cujo movimento de intercomunicação e troca supõe a crítica constante e a revisão permanente dos próprios passos (Gusmão, 2015, p. 21).

A autora informa que Antropologia e Educação são diferentes em princípios e em pressupostos centrais e alerta para a importância da crítica constante e da revisão permanente. A Antropologia procura despertar a criticidade do homem, no sentido de que este possa compreender a diversidade cultural e coloque em prática o relativismo cultural. Já a Educação busca promover os sujeitos moral e intelectualmente.

Para Dauster (2015, p. 43), o ofício do educador é diferente da prática do antropólogo, mesmo quando o antropólogo milita em projetos educativos e sociais. A autora afirma que a prática do educador ocorre por meio de ações simbólicas, tais como formar sujeitos humanos para a vida social; transmitir, inculcar valores e sa-



beres, segundo determinados parâmetros; modelar física, moral e intelectualmente; ensinar, orientar, avaliar, transformar.

Tanto Dauster quanto Gusmão ressaltam as diferenças entre a Antropologia e a Educação. Desse modo, se a prática do educador e do antropólogo são diferentes, há a necessidade de um cuidado no processo de trocas de saberes, assim como em relação aos métodos utilizados pelas duas áreas. Não basta apresentar os métodos e esperar que sejam utilizados com eficiência, mas são necessários diálogos e revisões constantes, além da apresentação das limitações inerentes aos métodos utilizados por educadores e antropólogos.

Apesar das diferenças, a relação entre Antropologia e Educação é um caminho sem volta. E, nesse caso, é interessante refletir como e até que ponto os conceitos e as metodologias da Antropologia são utilizados por pedagogos ou outros profissionais da educação. Se o antropólogo envereda pelo caminho da educação, os métodos aprendidos na Antropologia podem ser úteis? Não é nossa intenção responder a esse questionamento, mas refletir o quanto a interdisciplinaridade entre as duas áreas pode trazer boas contribuições, tais como a ampliação das pesquisas realizadas por antropólogos na escola ou ainda a contribuição para ampliar as habilidades dos pesquisadores formados em Pedagogia.

Há muito tempo os antropólogos não pesquisam exclusivamente em sociedades localizadas na África ou Oceania, e, cada vez mais, escolas têm sido “boas pra pensar” os conceitos e metodologias da Antropologia. Martins e Morais informam:

A Educação, como se sabe, pode fazer uso da Antropologia como uma das ciências da Educação com os propósitos de decodificar e analisar valores e universos culturais constituintes tanto da instituição escola como das mais variadas formas de manifestação educacional não formais. Uma rápida análise da relação entre Antropologia e Educação, como áreas do saber, indica ser possível diferenciar a Antropologia relativa à Educação de duas formas: Antropologia como ciência empírica e Antropologia como reflexão filosófica. Ambas têm a contribuir para as ciências da Educação (Martins; Morais, 2005, p. 83).

Ampliando esse debate, Rocha e Tosta destacam que

A Antropologia é uma forma de Educação, bem como a Educação só é possível como prática antropológica. Eis o pressuposto a partir do qual apresentamos, aos profissionais da Educação (professores de todas as modalidades de ensino, especialmente os formadores de professores e os agentes sociais que trabalham com projetos socioeducativos) e aos estudantes das licenciaturas e de outras áreas em geral, a maneira como pensamos a Antropologia. A Antropologia não é somente uma disciplina acadêmica capaz de fornecer uma explicação sobre as representações da alteridade e/ou as práticas do ‘outro’, mas uma forma de produzir um sentido humanista às nossas experiências no mundo da vida cotidiana (Rocha; Tosta, 2009, p. 17).





Como é possível verificar, a análise da relação entre Antropologia e Educação segue dois caminhos. Alguns trabalhos buscam separar as duas áreas, mostrando que elas têm finalidades muito distintas, outros procuram demonstrar as pontes possíveis entre as duas áreas do conhecimento que podem ser úteis em um contexto interdisciplinar. Vale a pena ressaltar que esse tipo de discussão está presente quando a comparação ocorre em outros campos do saber, como, por exemplo, o turismo. É bastante comum que autores ligados à área do Turismo e da Antropologia façam críticas sobre o pouco interesse dos antropólogos pelo turismo (Cousin; Apchain, 2019; Melo, 2004).

Em relação ao ensino de Antropologia, Lévi-Strauss afirma:

A Antropologia tornou-se uma disciplina demasiado diversificada e técnica para que se possa recomendar-lhe o ensino restrito a um ano, geralmente intitulado 'introdução à Antropologia' (ou outra fórmula do gênero), que costuma consistir em vagos comentários acerca da organização clânica, da poligamia e do totemismo. Seria especialmente perigoso imaginar que com tais noções superficiais se podem de algum modo preparar para o seu papel jovens – missionários, administradores, diplomatas, militares, etc. cujo destino é viver em contato com populações muito diferentes da sua. Uma introdução à Antropologia não faz um antropólogo, mesmo amador, tanto quanto uma introdução à física não pode fazer um físico, nem mesmo um auxiliar de físico (Lévi-Strauss, 1979, p. 379).

Lévi-Strauss está chamando atenção para a diversidade da Antropologia e que apenas uma disciplina de introdução não dá conta de formar de modo satisfatório um antropólogo. Tampouco é possível afirmar que em uma ou duas disciplinas introdutórias se aprendem os métodos utilizados pelos antropólogos. Esse alerta é importante, porque, em geral, nos cursos de licenciatura fora das Ciências Sociais, os estudantes têm pouco contato com a Antropologia, mas muitos acabam com a falsa sensação que podem trabalhar com os conceitos antropológicos ou com a etnografia apenas porque aprenderam aquilo que é mais elementar em um trabalho etnográfico.

O ensino de Antropologia nas licenciaturas passa por um conjunto de questões que interessam à própria licenciatura à qual a disciplina está associada. Desse modo, tornou-se comum que a Antropologia estivesse associada predominante à discussão sobre cultura, diversidade e desigualdades. Nos cursos de licenciatura, esses temas são importantes, porque, cada vez mais, os educadores estão interessados em compreender de modo mais profundo a realidade escolar, o que torna essas discussões ainda mais necessárias.

Os conteúdos relacionados à Antropologia nos cursos de graduação têm objetivos diferentes, dependendo do curso superior à qual a disciplina esteja relacionada. Quando se trata do ensino de Antropologia nas licenciaturas que buscam formar professores que vão atuar no ensino fundamental e médio, em geral, o professor procu-



ra relacionar temas que abordem a Antropologia e produções antropológicas sobre educação. Aí começa o desafio de lecionar Antropologia nos cursos de licenciatura, pois os antropólogos brasileiros se dedicaram pouco a estudar a escola, sendo mais comuns trabalhos que se dedicam a analisar o ensino de Antropologia na universidade ou na pós-graduação.

É bastante comum que os antropólogos, quando estão lecionando em cursos de licenciatura, procurem apresentar a história da Antropologia, assim como os conceitos clássicos que contribuíram para a formação do saber antropológico. Dentre os muitos métodos e técnicas utilizados pela Antropologia, a etnografia se destaca como método utilizado nas ciências humanas e sociais. Desde Malinowski, o método etnográfico vem sendo utilizado pelos antropólogos com os intuitos de compreender de maneira mais profunda o modo de vida das populações nativas e de compreender a cultura.

Mas o método etnográfico também vem sendo utilizado para compreender espaços escolares, assim como o modo de vida dos estudantes, já que pode revelar práticas sociais comuns aos estudantes e desconhecidas pelos profissionais que atuam na educação, sejam eles professores, diretores, etc.

Tosta, nesse sentido, faz uma reflexão/crítica sobre o modismo da etnografia:

Assim é que de igual modo eu diria da minha surpresa ao constatar, em mais de 15 anos pesquisando num programa de Pós-graduação em Educação, frequentando os principais eventos da área e lendo inúmeros de seus autores, como a etnografia entrou na moda, virou modismo fazê-la, feito objeto de desejo a ser consumido, ‘usado e abusado’, parafraseando Valente (1996). Até quando permanecerá assim não se sabe, mas intuo que, como na moda e na mídia as pautas são muito passageiras, é possível que a etnografia permaneça no trono até que algum outro ‘produto’ travestido de acadêmico surja ou ressurja reciclado e passe a ser a bola da vez! (Tosta, [2014], p. 2).

Uriarte (2012, p. 10), em sua análise sobre o significado da etnografia para os antropólogos, revela que “A conclusão é simples: a rigor, fazer etnografia não consiste apenas em ‘ir a campo’, ou ‘ceder a palavra aos nativos’ ou ter um ‘espírito etnográfico’. Fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o ‘campo’ que queremos pesquisar, um ‘se jogar de cabeça’ no mundo que pretendemos desvendar”.

A autora revela que o método etnográfico não é tão simples quanto aparenta; e não é todo mundo, mesmo que se tenha boa vontade, que pode se apropriar dele e produzir um bom trabalho. Assim, entender o campo e ter uma preparação teórica são elementos fundamentais, sem os quais dificilmente se produzirá um bom trabalho etnográfico.



## OS DESAFIOS DO ENSINO DE ANTROPOLOGIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

O ensino de Antropologia apresenta um conjunto de desafios para sua consolidação nos cursos de graduação na UESPI. Apesar disso, é importante salientar que o corpo docente se esforça bastante para que a Antropologia e as demais áreas que compõem as Ciências Sociais tenham êxito e possam contribuir para a formação de profissionais qualificados nas Ciências Sociais, Pedagogia e áreas afins.

Um primeiro desafio a destacar é a falta de professores formados na área. Atualmente, há apenas um professor com Pós-Graduação em Antropologia<sup>2</sup>. Professores com formação em Sociologia ou em Ciência Política também assumem as disciplinas de Antropologia, mas tal fato revela a dificuldade de encontrar profissionais qualificados. Por outro lado, no curso de Pedagogia, os professores são formados na área, mas esta conta com um número pequeno de profissionais para atender à grande demanda do *campus*.

O corpo docente formado em Ciências Sociais é relativamente pequeno, e a demanda desses professores para lecionar disciplinas nos cursos de Direito, História, Filosofia, Letras-Português, Letras-Inglês, Biologia e Pedagogia é sempre alta. Soma-se a isso um conjunto de demandas relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão, que só aumentam a dificuldade de consolidação da Antropologia. Muitos conteúdos não são trabalhados, mesmo que constem do Projeto Pedagógico do Curso, porque os professores ficam sobrecarregados com as atividades desenvolvidas e, por conta disso, não têm como propor novos conteúdos e/ou atividades, cuja preparação exigiria deles ainda mais tempo.

A falta de professores não pode ser compreendida como um problema passageiro, pois existe há décadas, e todos os cursos sofrem com ela. Por mais que ocorram concursos públicos, estes são insuficientes para suprir as demandas de todos os cursos que compõem a instituição. Uma estratégia utilizada há muito tempo é investir na contratação de professores temporários, que contribuem para sanar parte do problema, mas nunca para resolvê-lo em definitivo. É importante destacar que os salários dos professores temporários não são satisfatórios, e muitas vagas ficam ociosas, porque não há candidatos inscritos, prolongando o problema da falta de professores.

No Brasil é comum que os cursos de graduação ofereçam a formação em Ciên-

---

<sup>2</sup> A principal explicação do fato de ter apenas um professor com Pós-graduação em Antropologia na universidade é que há um déficit grande de professores em todas as áreas do conhecimento, devido à falta de concursos públicos para atender à demanda da instituição, tornando a precarização dos cursos uma realidade. Além disso, a universidade vem priorizando a contratação de professores com Pós-graduação em Ciências Sociais, pois estes podem trabalhar em um conjunto maior de cursos.



cias Sociais, que compreendem a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política. Muitos estudantes acabam se identificando com a Sociologia e buscam desenvolver sua formação nessa área. A Antropologia e a Ciência Política são menos acessadas. Uma explicação para isso pode estar relacionada ao mercado de trabalho, já que o curso é de licenciatura, e muitos estudantes vão se tornar professores em escolas públicas e privadas. Em grande medida, as escolas contratam ou fazem concurso para professores de Sociologia; e investir nessa formação aumenta as possibilidades de acesso ao mercado de trabalho.

A falta de livros clássicos também tem sido um problema no ensino de Antropologia. Este é um ponto relativamente tenso, porque a instituição não conta com uma biblioteca que atenda às demandas dos cursos; e, apesar de podermos contar com acervos *on-line* de acesso livre, em relação à Antropologia e Educação, há títulos clássicos que não estão disponíveis em sua totalidade na internet. Desse modo, grande parte do material disponibilizado para a leitura dos licenciandos faz parte do acervo particular dos docentes.

Isso se torna um complicador, porque impossibilita que os discentes tenham acesso regular e contínuo ao acervo e possam desenvolver suas leituras e pesquisas de forma independente e autônoma, aumentando assim a sua compreensão da disciplina. Apesar do avanço da internet e da disponibilidade de grande acervo disponível, não é tão fácil encontrar material de qualidade relacionado à Antropologia, sobretudo textos clássicos, sem os quais não se pode aprofundar temas específicos. Para contornar essa situação, os docentes selecionam os capítulos dos textos clássicos e disponibilizam aos discentes.

Outro desafio está relacionado à leitura. Muitos estudantes adentram o ensino superior com sérias dificuldades de leitura e interpretação. Esse desafio não é específico da Antropologia, já que perpassa todas as áreas de conhecimento. Os estudantes que são aprovados no Enem e que chegam aos cursos de Ciências Sociais ou Pedagogia acumularam um conjunto de deficiências e experiências negativas ao longo do ensino fundamental e do ensino médio. Também é possível afirmar que foram pouco estimulados em relação à leitura nessas etapas da formação, e o tempo passado na universidade não vai corrigir esse problema.

Assim, muitos chegam à universidade sem os hábitos de leitura, escrita e interpretação de textos (Daboín; Ribeiro, 2019; Patrício; Rodrigues, 2022). Sabemos que os conceitos utilizados pelas Ciências Sociais não são de fácil compreensão. Por isso, muitos alunos dizem que, apesar de terem lido, “não entenderam nada”. Essa situação só melhora após a explicação do professor ou da professora sobre o assunto desenvolvido. Não raro, muitos alunos desistem do curso pelo excesso de leitu-



ras e pelo grau de complexidade dos textos. Há ainda aqueles que se consideram “espertos” e acreditam que vão passar nas disciplinas com o mínimo de esforço em relação às leituras.

Em geral, os alunos consideram as disciplinas extremamente teóricas. Em um primeiro momento, sentem muita dificuldade em separar as áreas da Sociologia e da Antropologia. Comumente confundem conceitos e autores. Isso fica ainda mais evidente quando a disciplina trabalhada é construída de forma interdisciplinar com conteúdos de Sociologia e Antropologia. Além da teoria, é comum a insatisfação com relação às avaliações e ao excesso de conteúdo trabalhado. Quando as datas das avaliações coincidem, a reclamação é geral, e os professores são culpados, porque não conversam entre si para aplicarem provas em dias e horários diferentes.

Por fim, um último desafio, que de certo modo está atrelado aos anteriores, é ampliar a pesquisa e a extensão no curso de Ciências Sociais. Esse desafio é suprido, em parte, pelos projetos de extensão que alguns professores submetem à Pró-Reitoria de Extensão. Contudo, a demanda pelos projetos é sempre maior do que a capacidade dos professores em elaborá-los e concluí-los. Em geral, os projetos de pesquisa são limitados, pois são ofertados por meio de edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) divulgado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROP), e o número de bolsas de iniciação científica é insuficiente em relação aos projetos dos docentes de todas as áreas que participam do programa.

No primeiro semestre do curso, é comum que sejam apresentados e discutidos os conceitos de cultura, etnocentrismo e relativismo cultural. Assim, textos introdutórios sobre o conceito de cultura são analisados. É comum que o livro *Cultura: um conceito antropológico*, de Roque de Barros Laraia (2007), esteja presente entre os livros introdutórios. Nesse livro são apresentados o desenvolvimento do conceito de cultura e a importância dessa discussão para a formação do saber antropológico. Esse livro é trabalhado tanto no curso de Licenciatura em Ciências Sociais quanto na Licenciatura em Pedagogia. Como afirmei antes, é comum que os docentes que ministram as disciplinas introdutórias de Antropologia façam uma apresentação sobre a importância do conceito de cultura para a Antropologia, já que este é indissociável do saber/fazer antropológico. Em geral, nessa etapa do curso, também são apresentados os conceitos de etnocentrismo e de relativismo cultural. Toda essa discussão tem como intuito introduzir os conceitos principais que contribuíram para a consolidação da Antropologia.

O ritual do corpo entre os Sonacirema, de Horace Minner (1956), é outro texto que se encontra sempre presente nas aulas introdutórias. Esse texto é muito interes-



sante por duas razões: a primeira é que os alunos descobrem, através de uma leitura relativamente simples, o quanto o etnocentrismo está impregnado nos indivíduos. A segunda razão está relacionada ao choque que aqueles sentem quando descobrem que eles próprios são os Sonacirema; e isso causa algum tipo de desconforto, além de ser uma ótima oportunidade para “desconstruir” uma visão dominante sobre os outros grupos humanos com base nos parâmetros construídos na e pela cultura da qual fazem parte.

Após essa introdução aos conceitos antropológicos tanto no curso de Ciências Sociais quanto no de Pedagogia, ocorre uma diferenciação em relação aos conteúdos trabalhados. No curso de Ciências Sociais, em geral são trabalhados textos de autores clássicos, “na fonte” (Sartori, [2014]), ao menos até a metade do curso, já que a partir daí são ofertadas disciplinas que dialogam com a Educação ou com temas transversais. Já no curso de Pedagogia, é comum que os professores trabalhem temas que possibilitam uma aproximação entre essa área e a Antropologia.

Ao longo do curso de Pedagogia, muito dos conteúdos trabalhados nas disciplinas de Antropologia (Fundamentos Antropológicos da Educação e Culturas Afro-Brasileira e Indígena) não são retomados. Talvez essas disciplinas façam parte do currículo muito mais para atender a uma demanda externa do que interna. Como a atuação do antropólogo se restringe a uma ou duas disciplinas no curso de Pedagogia, é notório que sua influência no processo de formação dos docentes do curso de Pedagogia é limitada. Ainda assim, muitos alunos se identificam com as questões discutidas em sala de aula e buscam dialogar com conceitos antropológicos em seus trabalhos. Contudo, essa é uma relação relativamente difícil, pois, como vimos anteriormente, as discussões da Antropologia devem ser analisadas em profundidade, e um ou dois semestres não são suficientes para uma discussão profunda entre os saberes da Pedagogia e da Antropologia.

Apesar de todos os desafios, muitos docentes estão otimistas em relação ao futuro do ensino de Antropologia na Universidade Estadual do Piauí. O curso está prestes a completar dez anos, e este é um motivo para celebrar nos tempos atuais. Por outro lado, diferentemente de outras instituições no Brasil que optaram por criar um curso de graduação em Antropologia, na UESPI essa empreitada ainda está muito longe de se tornar realidade, se é que um dia isso ocorrerá. Nosso maior desafio no momento é melhorar o *status* do curso de Ciências Sociais no geral e da Antropologia em particular. Isso acontecendo, temos certeza de que a Antropologia poderá dar grandes contribuições ao curso de Ciências Sociais e aos demais cursos com os quais ela estabelece algum contato.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos analisar o ensino de Antropologia nos cursos de licenciatura em Ciências Sociais e em Pedagogia na Universidade Estadual do Piauí. Verificamos que o ensino de Antropologia não difere muito do que é comum em outras instituições no Brasil. O debate sobre o ensino de Antropologia é importante porque está presente no processo de construção da disciplina no Brasil (Sanabria; Duarte, 2019).

Na UESPI as dificuldades para o ensino de Antropologia não são simples, pois reúnem desafios internos, que podem ser solucionados com a dedicação de docentes e discentes, através do diálogo e com objetivos de atingir interesses comuns; e desafios externos, cuja solução é mais complexa e independe da vontade dos agentes envolvidos no curso de Ciências Sociais. Os desafios externos afetam enormemente o curso, e dentre eles, o principal é o mercado de trabalho, que atinge vários profissionais e se expande lentamente nas ciências humanas em geral e nas Ciências Sociais em particular. Todas essas questões influenciam na permanência dos estudantes ao longo do curso.

Em relação ao ensino de Antropologia, há uma grande discussão no Brasil sobre a qualidade na formação dos antropólogos ou sobre quanto as pesquisas têm se dedicado pouco a investigar o ensino de Antropologia. Por aqui, esta ainda não se tornou uma área de ensino e pesquisa muito atrativa, tal como ocorre em áreas com mais tradição nas Ciências Sociais. Mesmo assim, a análise do ensino de Antropologia revela-se de grande importância para o próprio futuro da disciplina, sobretudo em uma sociedade que insiste em “fechar os olhos” para a diversidade que se tornou um traço marcante da identidade brasileira.



## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base – Ensino Médio**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

COUSIN, Saskia; APCHAIN, Thomas. Turismo e Antropologia: um tango da alteridade. **Antropologia e turismo: coletânea franco-brasileira** / Patrícia A. Ramiro (org). João Pessoa. Editora UFPB, 2019.

DABOÍN, Maria Mercedes Gómez; RIBEIRO, Marinalva Lopes. **O perfil dos estudantes ingressantes no curso de pedagogia**. Revista Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v.30, n.1, p.312-326, mar/dez., 2019. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/6765/pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DAUSTER, Tania. Um diálogo sobre as relações entre etnografia, cultura e educação – representações e práticas. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 21, n. 44, p. 39-56, jan./abr. 2015.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **A atratividade da carreira docente no Brasil**. , São Paulo: Fundação Victor Civita, 2009. Coleção Estudos e Pesquisas Educacionais, 1. v.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia, Cultura e Educação na Formação de Professores. **Revista Antropológicas**, v. 27, n. 1, p. 45-71, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaantropologicas/article/view/24036/19498>. Acesso em: 26 jul. 2023.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e Educação: um campo e muitos caminhos. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 21, n. 44, p. 19-37, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v21i44>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro. Editora Tempo Brasileiro, 1979.

LUDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1159-1180, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.cedes.unicam.br>. Acesso em: 5 jul. 2023

MARTINS, Célia Aparecida; MORAIS, Carlos Willians Jaques. Antropologia e Educação: breve nota acerca de uma relação necessária. **Educação em Revista**, Marília, v. 6, n. 1, p. 83-94, ago. 2005. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/600>. Acesso em: 2 ago. 2023.

MELO, Bruno Almeida de. Turismo e Antropologia: uma aproximação possível. **Turismo em Análise**, v. 15, n. 1, p. 5-12, mai. 2004.

MINNER, Horace. O ritual do corpo entre os Sonacirema. **American Anthropologist**, [s. l.] v. 58, p. 503-507, 1956.





PATRÍCIO, Maria Cecília; RODRIGUES, Telmara Lopes. Perfil de estudantes ingressantes nos cursos de pedagogia em recife e região metropolitana. In: EPEPE, 8., On-line, 2021. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <https://editorealize.com.br/artigo/visualizar/83434>. Acesso em: 3 ago. 2023.

ROCHA, Gilmar; TOSTA, Sandra Pereira. **Antropologia & educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. Coleção Temas & Educação, 10. v.

SANABRIA, Guillermo Vega; DUARTE, Luiz Fernando Dias. O ensino de Antropologia e a formação de antropólogos no Brasil hoje: de tema primordial a campo (possível) de pesquisa (antropológica). **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [s. l.] n. 90, p. 1-32, 2019. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/484>. Acesso em: 3 ago. 2023.

SARTORI, Ari José. O ensino da Antropologia nos cursos de graduação: ‘o que ensinam’ e ‘como ensinam’. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., Natal/RN, 2014. **Anais [...]**. [S. l.]: RBA, [2014]. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/trabalho/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNDoiYToxOntzOjExOjJRR-F9UUkFCQUxITyI7czoyOilyNSI7fSI7czoxOjJoljtzOjMyOjJINTFkZWMyMTVmOTI4Zjc5NDY4N2E2OWI2Y2UxZGNkOSI7fQ%3D%3D>. Acesso em: 5 jul. 2023.

TARTUCE, Gisela Lobo B. P.; NUNES, Maria M. R.; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 140, p. 445-477, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a0840140.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

TOSTA, Sandra Pereira. Uma etnografia para a escola na América Latina. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., Natal/RN, 2014. **Anais [...]**. [S. l.]: RBA, [2014]. Disponível em: [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401841008\\_ARQUIVO\\_ARTIGOSANDRAPEREIRATOSTA.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401841008_ARQUIVO_ARTIGOSANDRAPEREIRATOSTA.pdf). Acesso em: 10 jul. 2023.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Revista Ponto Urbe** [Online], v. 11, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/300>. Acesso em: 22 jul. 2023.

VIEIRA, Karina Augusta Limonta; BADIA, Denis Domeneghetti. O ensino de antropologia nos cursos de pedagogia: caminhos para a diversidade. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 11, n. 20 p. 247-269 set./dez. 2015.

